

*VLADIMIR JANKÉLEVITCH: LE CHARME IRRÉSISTIBLE
DU JE-NE-SAIS-QUOI*, POR FRANÇOISE SCHWAB¹

JOSÉ MANUEL BEATO²

O corolário de um projeto de longo curso

Esta obra representa um marco nos estudos jankélévitchianos ao constituir a primeira biografia consagrada ao filósofo francês de origem russa, de quem se assinalaram em junho passado os 40 anos da morte. Fruto de décadas consagradas à preservação e difusão de um legado intelectual a muitos títulos marginalizado, *Vladimir Jankélévitch: Le charme irrésistible du je-ne-sais-quoi* oferece um percurso atento pela vida e obra daquele que fora mestre na Sorbonne e amigo da autora. Esta proximidade pessoal, resultado de um “encontro que mudou tudo” (p. 339), determina a tonalidade admirativa e laudatória do livro.

A atividade editorial realizada por Françoise Schwab em torno da obra de Jankélévitch é de uma notável amplitude. Desenvolvida ao longo de mais de quatro décadas (1984-2023), revela a sistematicidade de um excepcional empenho na preservação do legado jankélévitchiano. Desde as primeiras recolhas temáticas como *Sources* (1984) e *La Musique et les Heures* (1988) até às compilações mais tardias como *L'Esprit de Résistance* (2015) e *L'Enchantement musical* (2017), Schwab conseguiu tornar acessível tanto a obra dispersa, os títulos esgotados como textos inéditos, cobrindo todas as facetas da obra jankélévitchiana: metafísica, moral, música e compromisso cívico. Este trabalho muito meritório tem cumprido o seu desígnio, mas despertou, todavia, uma outra necessidade: uma edição crítica das obras completas, que dê conta das revisões de que foram objeto obras centrais, como *La mauvaise conscience* ou *Traité des vertus*.

¹ Este apartado procura recensar desenvolvidamente a obra de Françoise Schwab intitulada *Vladimir Jankélévitch: Le charme irrésistible du je-ne-sais-quoi*. Paris: Albin Michel, 2023. 396 p. ISBN 978-2-226-48053-8.

² Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras. Unidade I&D IEF; Unidade I&D CECH. Email: jose.beato71@gmail.com; ORCID 0000-0001-5254-7321.

A esta atividade editorial da autora juntou-se ainda a co-organização do *Cahier de l'Herne* (2023), junto com Pierre-Alban Gutkin-Guinfolleau e Jean-François Rey, dedicado ao filósofo. Os grandes colóquios que promoveu – “L’empreinte du passeur” (Cerisy, 2003), “Actuel, inactuel. Le charme et l’occasion” (École Normale Supérieure, 2005) e “Du tragique à l’ineffable” (colóquio internacional Chestov-Jankélévitch, 2008) – constituíram marcos fundamentais da receção crítica. A presente biografia constitui assim o corolário natural de um projeto de fôlego e de longo curso, que conseguiu transformar um filósofo relativamente obscurecido numa referência incontornável da filosofia contemporânea.

A extensão, a riqueza documental e amplitude temática do livro em apreço tornam impraticáveis, nos limites desta recensão, uma síntese cabal do seu conteúdo ou um sobrevoo sinótico que faça justiça ao biografado. Importa assim sobretudo sublinhar a estratégia narrativa adotada por Françoise Schwab: ao mesmo tempo que reconstitui a trajetória biográfica de Jankélévitch, passa em revista as obras fundamentais do filósofo, salientando o significado de cada uma delas dentro da evolução do seu pensamento e situando-as no contexto histórico, intelectual e pessoal da sua génese. Esta dupla abordagem – biográfica e bibliográfica – não procede por justaposição, mas por entrelaçamento sistemático, procurando demonstrar como as experiências vividas (a diversidade e multitude das influências juvenis, a resistência durante a ocupação, ou o retorno problemático ao meio académico e uma certa marginalização face às tendências filosóficas em voga) moldaram decisivamente o percurso intelectual e cívico.

A obra desenvolve-se em dezoito capítulos assentes na articulação sistémica entre narrativa biográfica e percurso filosófico. Tudo se organiza em torno de grandes sequências cronológicas: os anos de juventude e formação (1913-1927), marcados pela influência paterna e pelas primeiras descobertas filosóficas; o período de Praga e das primeiras obras (1927-1939), onde se cristalizam as influências de Simmel e Bergson, Schelling e a mística cristã; a experiência da guerra e da Resistência (1940-1945), que fundamentará a reflexão sobre o mal e o perdão; o retorno à vida universitária, a publicação do *Traité des vertus* e de *Philosophie Première* e a entrada para a Sorbonne (1949-1959); a maturidade filosófica e o compromisso cívico (1960-1980), culminando na filosofia da temporalidade e da morte; e finalmente os últimos anos de síntese e balanço (1980-1985). Esta opção metodológica permite à autora construir um fresco intelectual de grande riqueza, situando cada obra no seu contexto existencial.

O traçado deliberadamente mais biobibliográfico que estritamente biográfico adotado por Schwab evidencia uma característica fundamental da personalidade e da obra jankélévitchianas: a íntima ligação entre reflexão

filosófica e experiência vivida. Em Jankélévitch, como demonstra a autora, não existe separação entre o filósofo e o homem, a moral e o compromisso cívico, entre a estética musical e a paixão pessoal pela música.

Uma tonalidade admirativa, mas reservada

O entusiasmo e a contenção nutrem-se mutuamente neste relato que, não obstante o rigor documental, permanece existencialmente encarnado e calorosamente implicado. Trata-se de uma biografia intelectual, e Françoise Schwab evolui num duplo movimento de reserva que, na verdade, desenha um traço marcante da personalidade de Jankélévitch. O pudor do homem no que concerne às vicissitudes da sua vida privada coexiste com a humildade do filósofo perante a sua obra. De um lado, a discrição sobre as tribulações da intimidade; do outro, a recusa categórica do narcisismo intelectual. Jankélévitch jamais se compraz na contemplação egolátrica das suas realizações – e é também por isso que o seu trabalho de revisão, correção e remodelação nunca cessa. Tudo reside na recusa do “eu detestável”, de que falava Pascal, numa inquietude e insatisfação que perpetuamente se renovam. O homem mantém-se na sombra, atrás da obra; mas a obra, por sua vez, nada mais é do que um esforço constante e um perpétuo recomeço que nada tesauriza. Schwab respeita esta dupla exigência, compreendendo que a verdadeira discrição reside não apenas em calar os aspetos privados, mas em recusar transformar a obra filosófica em triunfo do ego – embora todo o texto deixe transparecer a viva admiração e estima pessoal pelo mestre e amigo.

Este livro põe em perspetiva tanto os traços fortes quanto os matizes da personalidade do biografado: a afabilidade convival do amigo, o cuidado zeloso do professor, a intransigência do moralista e os enlevos admirativos ou irónicos do esteta. Retrata-se, lado a delicadeza convival do anfitrião na “cerimónia do chá” no Quai aux Fleurs, a atenção aos estudantes, o humor desenvolto que desconcerta o “espírito de seriedade” nas entrevistas televisivas e radiofónicas que concedeu, nomeadamente, por ocasião da célebre passagem pelo programa “Apostrophes”, de Bernard Pivot, em janeiro de 1980. Põe-se em evidência, por outro lado, um temperamento feroso, veemente e por vezes extremado nas posições ético-morais, de que a recusa liminar da cultura alemã no pós-guerra é o exemplo mais acabado. Esta tensão manifesta-se de forma exemplar na adesão entusiasta a Maio de 68, na recusa intransigente do perdão dos crimes nazis ou na defesa apaixonada da filosofia contra as tentativas de supressão do seu ensino.

Schwab dá-nos conta desta complexidade sem a reduzir a uma simples contradição psicológica, mostrando como a delicadeza pessoal e o radicalismo ético procedem de uma mesma fonte: a “impalpável exigência moral”

que não tolera compromissos face ao mal, mas que se manifesta na vida quotidiana através da atenção ao outro e do cuidado com os pequenos rituais do quotidiano.

O capítulo introdutório, intitulado “Um sopro, uma voz, uma escrita, uma inspiração”, estabelece imediatamente o tom da biografia ao interrogar-se sobre o rasto de pura imponderabilidade e inexauribilidade que é a marca ínfima mas indelével da identidade do homem que passou o ténue e abissal limiar do “instante letal”. Jankélévitch era, na verdade, o filósofo paradoxal que pensava conjuntamente a “tenuidade” das “realidades primeiras” e a “gravidade da existência”, de que os leitmotivs do *je-ne-sais-quoi* e do *presque-rien*, do infável e do impalpável formam a glosa.

Na sua análise, a autora recorda aos iniciados e revela aos neófitos como o trabalho sobre as “nuances imperceptíveis” constitui a manifestação do “rigor extremo” jankélévitchiano, conduzindo-nos pela “fronteira do sensível e do espiritual”, onde a subtilidade tece a fina trama, se não da sistematicidade, pelo menos de uma coerência que vive do dinamismo dos paradoxos.

Estrutura, metodologia e fontes

A estrutura adotada por Schwab reflete uma metodologia que articula uma progressão cronológica com uma exploração temática dos grandes núcleos do pensamento jankélévitchiano, pontuada com breves recensões das suas obras fundamentais. Esta articulação permite à autora abordar os “temas de predileção” do filósofo – a aventura metafísica da consciência, as tribulações da vida moral, a experiência musical, a temporalidade nostálgica, a meontologia do *presque-rien* – sem perder de vista o contexto histórico e a evolução das suas preocupações intelectuais.

Um dos méritos da metodologia de Schwab reside na diversidade e riqueza das fontes mobilizadas: correspondência, imprensa, testemunhos indiretos, registos audiovisuais, para além da bibliografia dispersa do biografado, entrevistas radiofónicas e televisivas, relatos de amigos. Todavia, com exceção dos seus próprios testemunhos e evocações pessoais, que oferecem notas preciosas ao relato, Schwab não apresenta nem mobiliza fontes novas ou inéditas, ou de difícil acesso que venham complementar ou interpelar os recursos documentais já conhecidos sobre a vida do autor. As trocas epistolares com Henri Bergson e a longa correspondência com Louis Beauduc – editada pela autora –, os testemunhos de François George e outros alunos, os relatos de Maurice de Gandillac ou Emmanuel Lévinas não constituem fontes inéditas.

Na verdade, e nisto consiste uma das fragilidades do trabalho, nada nos é dito sobre os critérios metodológicos adotados no que respeita à seleção,

recolha ou pesquisa do fundo documental, recursos de arquivo públicos ou provados, correspondência inédita, entre outros. Todavia, a autora mobiliza e harmoniza as fontes já existentes de modo a propor uma narrativa vivaz e a contextualizar historicamente a trajetória jankélévitchiana. Jornais e revistas como *Le Figaro*, *Le Monde*, *Critique*, *L'Arc*, *Les Nouvelles littéraires*, *Le Magazine littéraire*, *Télérama*, *Combat*, *Information juive* são mobilizados para reconstituir tanto a recepção das obras quanto o posicionamento público do filósofo face aos grandes debates do seu tempo. As entrevistas dadas pelo próprio Jankélévitch, em múltiplos programas de rádio ou televisão, oferecem acesso direto às suas reflexões sobre a própria obra e o seu tempo, completando assim um dispositivo documental de grande amplitude.

Formação e influências matriciais do filósofo

Schwab identifica com particular acuidade os momentos cruciais que moldaram a personalidade filosófica de Jankélévitch. A infância em Bourges (1903-1913) é apresentada, mas como matriz formativa onde se estabelece a grande importância atribuída à música e a influência determinante do pai, Samuel Jankélévitch. Este “espírito iluminado em numerosos domínios” (p. 25), médico de profissão, tradutor de Freud e conhecedor da filosofia alemã, estabelece com o filho uma “fiel cumplicidade” que se revelará fundamental tanto para a paixão musical quanto para a reflexão sobre a morte que culminará na obra *La Mort*.

Uma vez em Paris, os anos de formação na École Normale Supérieure (1922-1925), onde estabelece importantes relações com Léon Brunschvicg e Émile Bréhier, representam ainda a descoberta do magistério informal de Bergson. Contudo, Schwab demonstra como Jankélévitch soube desde cedo manifestar a sua originalidade na recepção crítica das influências filosóficas, apropriando-se criativamente das contribuições de Georg Simmel e Henri Bergson sem jamais se deixar absorver por elas.

O período de lecionação em Praga (1927-1932) é apresentado como momento de abertura cosmopolita que permitiu ao jovem professor desenvolver uma sensibilidade europeia fundamental para a sua posterior reflexão sobre a barbárie nazi e o perdão.

A análise que Schwab faz da experiência de guerra constitui um dos aspetos mais conseguidos da biografia. O período de Toulouse (1940-1945) é apresentado como “ferida incurável” que marcará definitivamente a reflexão ética jankélévitchiana. A “vida perseguida” do judeu (p. 136), que ensinava clandestinamente, e a participação na Resistência transformam-se em fundamento experiencial de uma filosofia do “puro amor” desafiada pelo “perdão impossível”.

Um dos momentos mais curiosamente reveladores da trajetória cívica de Jankélévitch, analisado por Schwab, é a sua adesão entusiasta ao movimento de Maio de 68. Assumiu um importante envolvimento com os estudantes, participando em assembleias e debates, o que lhe trouxe a inimizade de colegas mais conservadores (p. 252). Maurice de Gandillac testemunha dessa proximidade transgeracional com “os jovens zangados” que reinventavam a cidadania. Para Jankélévitch, a filosofia constituía uma vocação para “ir até ao fim das coisas” e, portanto, a ser necessário, “descer à rua” para “gritar, protestar”, conceção que encontrava no movimento de Maio 68 uma realização concreta. Esta posição resultava da convicção profunda de que a filosofia moral deve traduzir-se em compromisso cívico e ação concreta: “filosofar é aprender a fazer como se diz!”

A análise de Schwab permite compreender as razões profundas desta adesão, situando-a no contexto mais amplo do posicionamento político de Jankélévitch. Na verdade, o filósofo manteve um compromisso contínuo à esquerda do espectro político, ainda que sem aderir às diferentes expressões militantes do marxismo (p. 248).

A experiência musical

A análise que Schwab faz da dimensão musical da vida e obra jankélévitchiana constitui um dos aspetos importantes da biografia. Longe de tratar os ensaios sobre música como obras menores ou de circunstância, a autora demonstra como eles participam integralmente do projeto filosófico jankélévitchiano. Os estudos sobre Fauré e Ravel não constituem simples exercícios de análise estilística, mas explorações concretas da “temporalidade encantada” e da irreversibilidade nostálgica, oferecendo uma “experiência do inefável” (p. 283) e do *presque-rien* que nutrem diretamente a reflexão filosófica.

Pianista amador mas fervoroso, Jankélévitch procedia da irreversibilidade à decifração e execução de uma grande variedade de repertório francês, russo e ibérico. Esta intimidade com a prática pianística confere uma autoridade particular aos seus escritos estéticos, distinguindo-os da mera especulação teórica.

Schwab ilustra convincentemente como a experiência musical e a análise musicológica alimentam diretamente a filosofia. A música oferece um laboratório privilegiado para explorar o tempo e a temporalidade, os paradoxos da duração vivida e do devir propulsado pelo instante, temas centrais de obras como *L'Irréversible et la Nostalgie*. A análise das formas musicais permite a Jankélévitch desenvolver uma autêntica fenomenologia concreta da temporalidade, proporcionando, o que nós mesmo designamos por “escuta

do irreversível” (BEATO, José "A Escuta do Irreversível: Filosofia e Música em Vladimir Jankélévitch." *Revista Portuguesa de Filosofia* 74, n.º 4 (2018).

A questão da consciência judaica

Um dos aspetos mais subtis da biografia de Schwab é a análise da relação de Jankélévitch com a sua identidade judaica. Foi o malogro da Guerra que fez despertar a “consciência judaica” do filósofo. Criado numa família laica onde a religião não tinha lugar, descobriu brutalmente durante a Ocupação que era judeu aos olhos dos outros: “Sou judeu porque há anti-semitas e ao mesmo tempo, há anti-semitas porque há judeus” (p. 185).

Jankélévitch via na dupla circunstância da sua origem russa e da sua condição judaica um “excedente de ser”. Como diz Schwab, parafraseando o filósofo: “O paradoxo da consciência judaica manifesta-se na tentativa de assemelhar-se e de distinguir-se” (p. 183), tensão que o filósofo viverá e meditará. Esta problemática foi explorada no pós-guerra, nas várias edições do “Colóquio dos intelectuais judeus”, em que participou, procurando refletir sobre o significado de “ser judeu”, inscrevendo-se assim numa interrogação coletiva sobre a identidade e a memória.

Nesta adesão identitária, Jankélévitch permanece todavia radicalmente laico. A guerra obrigou-o a reconhecer uma pertença que não escolheu mas não pode negar, nem quis renegar. Trata-se de pertença histórica, memorial, ética, não confessional.

O “perdão impossível”

A reflexão sobre a Shoah constitui um dos núcleos importantes da filosofia madura de Jankélévitch. O filósofo via o “extermínio de seis milhões de judeus” como a “invisível má consciência de toda a modernidade” (p. 167), acontecimento que excede as categorias tradicionais da moral e da política. Para ele, a memória constituía um “dever sagrado”, que o levará a assumir posições públicas consideradas excessivas ou mesmo absurdas, nomeadamente a recusa de toda a cultura filosófica, literária ou musical alemãs.

O problema do “perdão impossível” emerge não como posição abstrata, mas como resposta ética concreta à experiência histórica do “mal absoluto”. Schwab demonstra como esta reflexão se desenvolve progressivamente, através do paradoxo instaurado entre as obras *Le Pardon* (1967) e *Pardonnez?* (1971), culminando numa filosofia moral que recusa tanto o esquecimento, quanto o ressentimento.

Virtudes e limites metodológicos

A opção de Schwab por uma abordagem essencialmente biobibliográfica revela-se metodologicamente fecunda por várias razões. Em primeiro lugar, permite evitar o voyeurismo biográfico que caracteriza tantas biografias contemporâneas, concentrando-se nos aspetos verdadeiramente significativos da trajetória intelectual, sem todavia esquecer o seu enraizamento existencial.

Contudo, esta opção metodológica não está isenta de limitações, pois pode parecer resumir-se, em certos momentos, a um mero elenco descritivo das obras. A admiração evidente pelo biografado, embora compreensível dada a relação pessoal, conduz ocasionalmente a uma tonalidade elogiosa que poderia beneficiar de maior distanciamento crítico. Acresce que o leitor avisado e o especialista teriam esperado alguma novidade nas fontes documentais e uma referenciação sistemática e rigorosa dessas mesmas fontes no fim do livro, junto à cronologia fornecida.

Uma característica desta biografia é o facto de não dar conta de polémicas ou controvérsias que possam ter marcado a vida e obra de Jankélévitch. Esta opção, embora compreensível do ponto de vista da preservação da memória do filósofo, priva o leitor de uma análise mais matizada da receção crítica e das resistências que o pensamento jankélévitchiano pôde suscitar nos meios académicos. Nada é dito sobre o que Michel Onfray, por exemplo, designa como “O caso Merleau-Ponty” (ONFRAY, Michel - *Contre-histoire de la philosophie*: 26. *La résistance au nihilisme : Vladimir Jankélévitch, Robert Misrahi, Mikel Dufrenne, Pierre Hadot*. [S.l.]: Frémeaux et Associés. CD audio nº7 a 12). Trata-se da entrevista concedida por Vladimir Jankélévitch aos dois colaboradores do jornal *Libération*, Jean-Pierre Barou e Robert Maggiori, em outubro de 1980, mas apenas divulgada em junho de 1985, após a morte do autor. A polémica rodeava o alegado comportamento incorreto de M. Merleau-Ponty para com Jankélévitch durante o início da Ocupação, bem como a opinião sobre o posicionamento de Sartre no mesmo período. Esta controvérsia teria merecido algum esclarecimento ou posicionamento.

Uma vida quebrada pela Guerra

Na impossibilidade de resumir um percurso tão rico, pode todavia ilustrar-se a trajetória de Jankélévitch através do extremo contraste entre dois momentos paradigmáticos que Schwab reconstitui com particular atenção. Por um lado, a efervescência juvenil de um filósofo que se afirmava de modo claro na cena intelectual e académica francesa. Por outro, a cesura causada pela Guerra, a vida clandestina durante a ocupação, o alvorecer da consciência judaica e o caráter insuperável do trauma.

Os anos da promessa e da afirmação (1925-1939)

Quando, em 1926, Vladimir Jankélévitch é recebido primeiro ao concurso da Agregação, nada faz prever a catástrofe que virá cortar a sua vida em dois. Aos vinte e três anos, o jovem normalien estava destinado a uma carreira brilhante. Filho de médicos russos refugiados em França, crescido em Bourges numa atmosfera familiar marcada pela cultura literária, filosófica e pela música, revela desde cedo uma vivacidade intelectual notável. Já no ano anterior publicara o seu primeiro artigo sobre Bergson e Guyau.

A relação com Bergson estrutura toda a juventude filosófica de Jankélévitch. Desde 1923 estabelece-se “uma longa troca epistolar enriquecida por encontros” (p. 72-73) com o mestre consagrado. O reconhecimento é imediato. Após ler o primeiro artigo do jovem discípulo, Bergson escreve-lhe que aquele trabalho “prenuncia obras que serão uma importante contribuição ao pensamento filosófico” (p. 73). Inicia-se assim uma amizade intelectual que durará até à morte de Bergson em 1941. A filosofia apresenta-se como uma aventura exaltante, uma busca partilhada com mestres generosos. Em 1924, Jankélévitch defende um diploma de estudos superiores sobre Plotino sob direção de Émile Bréhier – trabalho publicado postumamente em 1998, mais de setenta anos depois, cujo brilho anunciador fora salientado por Lucien Jerphagnon.

Praga (1927-1932)

Em 1927, Louis Eisenmann oferece ao jovem normalien um posto de professor de filosofia e sociologia no *Institut français* de Praga. Jankélévitch aceita o que imagina ser “um breve interlúdio”. Ficarão cinco anos. Ademais, a solidão afetiva contrasta com a extraordinária fecundidade intelectual. A cidade seduz-lo musicalmente, nela dividindo o seu tempo “entre a Ópera nacional onde se tocavam óperas checas e eslovacas, Smetana, Dvořák e Janáček, e o Neues Deutsches Theater onde se tocava Wagner e Strauss”, conta a Béatrice Berlowitz (p.89). Esta imersão na música centro-europeia marcá-lo-á profundamente.

Mas Praga é sobretudo tempo de trabalho filosófico intenso. Mergulha nas leituras que alimentarão as primeiras obras e o acompanharão sempre: os Padres da Igreja, Fénelon e os místicos, os pensadores russos como Léon Chestov, os vitalistas como Simmel, e naturalmente Bergson. Termina o livro sobre Bergson (1931), redige as teses sobre Schelling e a má consciência, escreve sobre música, publicando em 1929 um primeiro artigo intitulado “Franz Liszt e as etapas da música moderna”.

Os textos seminais (1933-1939)

O regresso a França abre um período de intensa criatividade. Entre 1933 e 1939, publica obra substancial que define as grandes linhas do seu pensamento. Em 1933, defende e publica as teses *L'Odyssée de la conscience dans la dernière philosophie de Schelling e Valeur et signification de la mauvaise conscience*. Seguem-se *L'Ironie ou la bonne conscience* (1936), *L'Alternative* (1938), livros que exploram os meandros da consciência moral. Em paralelo, publica os primeiros estudos sobre Gabriel Fauré (1938) e Maurice Ravel (1939) que prosseguem uma obra musicológica paralela à filosófica.

Ensina com paixão, passando brevemente por Caen, sendo depois nomeado para Lyon, deslumbrando os estudantes com a erudição, a vivacidade e o entusiasmo que marcam profundamente os seus primeiros alunos, mais tarde seus amigos e companheiros, como Pierre Grappin, Louis Faucon, François Guillot de Rode. Em 1936, Jankélévitch é nomeado para a Universidade de Toulouse. É também a época das “noites burgonhesas” em Pontigny, na abadia cisterciense onde Paul Desjardins reúne, todos os verões, a elite intelectual francesa e europeia. Os encontros de Pontigny permanecerão envoltos de uma aura saudosa: “Quando repensamos na branca abadia, na aldeia encantada que foi para nós, durante tantos julhos, o centro do mundo, o nosso coração [...] bate mais forte” (p. 98).

Em 1939, instala-se finalmente num pequeno apartamento no 1º, Quai aux Fleurs, com vista para Notre-Dame, que será o seu refúgio por toda a vida. Retoma o trabalho no *Traité des vertus* iniciado em 1936. Aos trinta e seis anos, com uma obra já reconhecida pelos pares, discípulo estimado de Bergson, professor titular, o futuro parece abrir-se promissor.

Guerra e clandestinidade (1939-1944)

Quando a guerra estoura em setembro de 1939, Jankélévitch é mobilizado. No fim de maio de 1940, aquando da débacle, é enviado para a linha da frente onde é ferido. Em dezembro de 1940, por força das leis raciais de Vichy, é exonerado do ensino. O brilhante filósofo de trinta e sete anos, autor de uma obra já reconhecida, antigo combatente, encontra-se subitamente sem estatuto nem recursos.

O que se segue é um súbito e trágico decaimento. Jankélévitch refugia-se em Toulouse com a família – os pais idosos, a irmã Ida casada com Jean Cassou que será preso repetidamente por causa da sua ligação à Resistência. A precariedade é total e a subsistência difícil: “Faço antecâmara em ignóbeis escolas onde ofereço os meus serviços. Vendo tudo, francês, grego, latim e até a ortografia que tenho bastante boa para um estrangeiro.”(p. 127)

Graças a Monsenhor Bruno de Solages, reitor do Instituto Católico, ensina clandestinamente “numa traseira do café do Capitole, na maior parte das vezes sob a proteção armada de um dos seus estudantes”. Uma “universidade livre” improvisa-se onde continua a fazer cursos sobre a morte, o absoluto, a virtude. (p. 134)

Mas não se limita a sobreviver na clandestinidade. Empenha-se ativamente na Resistência: primeiro no grupo “Les Étoiles”, depois no Mouvement National Contre le Racisme (MNCR), depois no Front national universitaire. Sob pseudónimo – “André Dumez”, entre outros –, redige panfletos e escreve em russo para prisioneiros soviéticos. Em 1943, aparece a brochura do MNCR *Le Mensonge* raciste onde publica “Psicanálise do anti-semitismo”. (p. 135)

A vida clandestina é feita de angústia quotidiana. O apartamento parisiense da família é saqueado pelos alemães: “Não me resta nada da minha existência de antes de 40, nem um livro, nem uma fotografia, nem uma carta.” (p. 136)

Jankélévitch continua a escrever. Transporta de esconderijo em esconderijo o manuscrito do *Traité des vertus*. Escrever sobre a virtude do “puro amor” quando o vício e o mal absoluto triunfam é em si um ato de resistência. Os outros textos destas “noites de resistência” – *Le Mensonge*, *Le Malentendu*, *Le Nocturne* – surgem diretamente “das sombras de uma vida subterrânea”.

Algo mudou irreversivelmente nestes anos. O jovem filósofo idealista, leitor de Schelling e dos românticos alemães, confronta-se brutalmente com a realidade histórica do mal.

A libertação: do entusiasmo à persistência do trauma (1945-1980)

Reintegrado oficialmente em janeiro de 1945 como professor em Lille, Jankélévitch não tem pressa de regressar ao mundo universitário que o abandonou em 1940. Esta hesitação é significativa, pois não se retoma impune o fio de uma vida interrompida. Prefere ficar em Toulouse onde, para seu grande prazer, lhe é oferecido, em 1945, o posto de diretor de programas musicais da Radio Toulouse-Pyrénées. Durante alguns meses organiza concertos, programa música francesa – muito Fauré, muito Ravel, mas já nenhum Wagner. É uma forma de prolongar a libertação, de adiar o regresso a Paris.

Só em 1947 volta verdadeiramente a instalar-se no Quai aux Fleurs e retoma o trabalho filosófico. O que o espera não é reconhecimento, mas “o grande silêncio do imediato pós-guerra”. A França tem uma pressa indecente de esquecer, de passar a outra coisa, e esta tendência coletiva para a amnésia choca-o profundamente.

Em junho de 1948, publica na revista *Les Temps modernes* o artigo “Dans l’honneur et la dignité”, visando a lei de amnistia votada em 1947. “Não se vê bem porque é que aquilo que era imperdoável em maio de 1945 deixou bruscamente de o ser em junho”, escreve com ironia feroz. (p. 148). Revolta-o a desproporção entre a amplitude do mal sofrido e a mediocridade da resposta: “É quase sem exemplo que tantos sofrimentos tenham tão pouco modificado o destino dos homens, que convulsões tão gigantescas tenham parido um pós-guerra tão medíocre.” (p. 148).

A marginalização intelectual

A esta ferida moral junta-se a marginalização intelectual. O terreno filosófico francês está ocupado por outros: Sartre domina com o existencialismo, Heidegger exerce sedução crescente apesar do passado nazi, depois Merleau-Ponty, Camus, Althusser, Foucault, Deleuze, Derrida impõem-se como figuras proeminentes.

Jankélévitch, que rompeu com a cultura alemã, que se recusa a ler Heidegger, encontra-se isolado, fora das modas intelectuais, assumindo, claramente, “não fazer parte da república dos pensadores deste tempo” (p. 152).

Os editores hesitam. *O Traité des vertus* (1949) não tem o eco merecido. Os livros importantes – *Philosophie première* (1954), *Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien* (1957), *La Mort* (1966), *Le Pardon* (1967) – passam relativamente despercebidos. Nestas circunstâncias, confessa a Louis Beauduc: “Esta época e eu próprio, não nos interessamos. Trabalho para o século XXI” (p. 153).

Élisabeth de Fontenay colocara a questão crucial: não será a recusa da reconciliação com a Alemanha a verdadeira razão do “esplêndido isolamento”? O gesto mais simbólico desta rutura é a decisão, em 1955, de não mais voltar a Cerisy após o colóquio sobre Heidegger, organizado em presença do filósofo alemão (p. 152).

A verdadeira reconstrução vem pelo ensino. Em 1951, Jankélévitch é nomeado para a Sorbonne, sucedendo a René Le Senne. O ensino torna-se o seu elemento natural. Os seus cursos transformam-se em acontecimentos. Deslumbra sem subjugar, pela verve, a erudição, o ímpeto e a originalidade. De pé no estrado, improvisa aulas brilhantes que são verdadeiras criações irrepetíveis. Um antigo aluno testemunha: “O ensino oferecido por Vladimir Jankélévitch assemelhava-se a uma criação contínua [...] que não cessava de nos deslumbrar” (p. 203). Fala de moral sem moralismo, de virtude sem pose, e com vasta erudição de temas inesperados: o tédio, a aventura, o quase-nada, o não-sei-quê, o charme, a ironia, o puro e o impuro.

A meditação do imperdoável

Da ferida sempre aberta da guerra nascem os textos sobre o perdão e o imperdoável. Em 1965, vinte anos após a guerra, publica “L’Imprescriptible” sobre a impossibilidade de prescrição dos crimes contra a humanidade. Em 1967, lança *Le Pardon*, densa meditação e análise cuidada sobre a natureza do perdão autêntico e a refutação dos seus simulacros. Em 1971, *Pardoner?*, vem à estampa, onde exprime diretamente a recusa de perdoar os crimes nazis.

No estudo de 1967, Jankélévitch mostra que o verdadeiro perdão não é nem o esquecimento, nem a condescendência explicativa, nem uma liquidação pragmática. Na sequência das reflexões do Tratado, consiste num ato de amor, gratuito e gracioso, instantâneo, rigorosamente intersubjetivo, que exige como condição a demanda explícita de perdão. Ora, no caso dos crimes nazis, esta condição nunca foi satisfeita.

Ademais, quem tem o direito de perdoar? “De que direito lhes perdoaríamos?”, interroga Jankélévitch, que não conheceu os campos e escapou à morte. Só as vítimas podem perdoar, mas as vítimas estão mortas. Logo, “o perdão morreu nos campos da morte” (p. 169). Esta posição intransigente valer-lhe-á acusações múltiplas, mas mantém-se firme. “Estes inumeráveis mortos, estes massacrados, estes torturados, estes pisados, estes ofendidos são um assunto de todos nós. Quem falaria deles, se nós não falássemos?”, interroga o moralista. (p. 174).

Todavia, em 1980 acontece algo inesperado. Numa emissão radiofónica, Jankélévitch pronuncia palavras duras sobre a Alemanha. Um jovem alemão, Wiard Raveling, escreve-lhe uma carta comovente onde exprime plena assunção das responsabilidades históricas do seu país, mas também alegando a inocência da sua geração. Jankélévitch, tocado, responde que esperou esta carta durante trinta e cinco anos. Convida-o: “Toque à minha porta, 1 quai aux Fleurs. Será recebido com emoção e gratidão como o mensageiro da Primavera.” O encontro terá lugar, emotivo e cordial, um semblante de reconciliação selado por dois homens de boa vontade (p. 178).

Assim, vemos como a vida de Vladimir Jankélévitch desenha-se como um percurso quebrado em dois pela guerra. Há um antes e um depois, e entre os dois um abismo nunca colmatado. Antes, é a efervescência inocente da formação excecional e da produtividade precoce, dos primeiros sucessos reconhecidos e da simples alegria de viver e pensar, nutrida por amizades preciosas. O futuro sem limites, abria-se exaltante.

Deu-se então a catástrofe súbita. É o tempo da proscrição, da clandestinidade, do perigo permanente, da perda de tudo. Mas também o tempo da resistência, da escrita nas sombras, da fidelidade aos homens justos e aos valores.

Com o fim da guerra e a libertação, fica o trauma persistente, junto com o choque do esquecimento coletivo. É o tempo da marginalização intelectual mas também das reconstruções: da vida familiar, do ensino apaixonado na Sorbonne, das novas amizades filosóficas, da publicação dos grandes livros de maturidade. Mas será sempre o tempo da ferida aberta, o combate pela memória.

A herança atual de um magistério

O capítulo conclusivo, “L’héritage d’un magistère au XXI^e siècle”, oferece uma reflexão sobre a posteridade do pensamento jankélévitchiano, dirigida ao “homem liberto dos ídolos e emancipado dos sistemas. A filosofia jankélévitchiana permanece deliberadamente “inacabada”, em perpétuo recomeço e incessante movimento, como condição da sua vitalidade e da sua capacidade de “explorar as fronteiras do indizível” e as “coisas inatingíveis”.

A conclusão estabelece assim Jankélévitch como pensador “contemporâneo”, “atual-inatual”, que “decifra a história de maneira inédita” e explora o instante metamórfico, desenvolvendo uma filosofia que permanece “viva e vivida”.

Aludir ao “charme irresistível do não-sei-quê”, que dá título à obra, não constitui um mero expediente retórico, mas fornece uma chave hermenêutica para compreender um pensamento para o qual a subtileza e a nuance imponderável não são obstáculos ao rigor, nem concessões ao confucionismo, mas condições da finura e da autenticidade filosóficas. Esta subtileza, atenta e calorosa, manifesta-se igualmente na abordagem biográfica de Schwab, que consegue ser intimista sem ser indiscreta, implicada sem perder rigor, admirativa sem ser hagiográfica.

Conclusão

A biografia de Vladimir Jankélévitch por Françoise Schwab constitui uma contribuição maior para o conhecimento de um dos filósofos franceses mais originais e injustamente negligenciados do século XX. A autora consegue oferecer um retrato multifacetado que integra harmoniosamente a trajetória intelectual, o percurso existencial, o comprometimento cívico e a paixão musical do filósofo.

O trabalho paciente de Schwab na preservação e divulgação da obra jankélévitchiana, através de edições póstumas, reedições e colóquios, encontra nesta biografia o seu coroamento natural. A opção por uma abordagem essencialmente biobibliográfica, privilegiando a atividade filosófica, musical

e cívica, sem esquecer as importantes tribulações e peripécias existenciais, revela-se metodologicamente fecunda, pese embora alguma oscilação entre os critérios narrativos e discursivos.

O livro de Schwab configura-se como uma introdução abrangente à vida e obra de Jankélévitch, particularmente adequado para leitores em busca de uma síntese biobibliográfica acessível. Para especialistas ou investigadores avançados, o livro constitui a síntese e o ponto de situação que faltavam em face dos elementos documentais e testemunhais dispersos, já disponíveis, mas disseminados.

A análise dos momentos-chave da trajetória jankélévitchiana permite compreender a coerência profunda de um pensamento enraizado na experiência histórica e nos dramas da existência. As curiosidades biográficas reveladas por Schwab – a “cerimónia do chá”, o gosto pelo cinema ou o trabalho na rádio – longe de constituírem meras anedotas, iluminam aspetos fundamentais da personalidade do filósofo.

Num momento em que a filosofia moral enfrenta desafios inéditos, o pensamento jankélévitchiano, tal como o apresenta Schwab, revela-se de uma atualidade surpreendente. A “impalpável exigência moral”, a reflexão sobre a temporalidade e a memória, a análise da condição minoritária oferecem instrumentos concetuais preciosos para pensar a condição humana na sua concretude existencial e na sua dimensão ética.

Em Jankélévitch, como demonstra de forma convincente esta biografia, a obra e a vida, o pensamento e a ação, o homem e o filósofo estão intimamente ligados. Todavia, isto implica uma dupla exigência – descentramento da obra realizada e apagamento do eu autocomplacente –, sem que isto constitua uma contradição, mas a coerência profunda de uma ética que subordina tanto o ego quanto a obra a uma exigência moral de perpétuo recomeço e superação permanentes.

O pudor e a reserva que caracterizam o relato de Schwab não empobrecem a dimensão existencial da narrativa; pelo contrário, tornam-na mais autenticamente significativa e encarnada. A autora demonstra a coexistência em Jankélévitch da relação intensa com o pensamento e da delicadeza pessoal, do temperamento fogoso nas posições ético-morais e da contenção íntima, do radicalismo público e da recusa do narcisismo intelectual. Em Jankélévitch, a sensibilidade extrema e a intransigência radical procedem de uma mesma fonte: a “impalpável exigência moral” que não tolera compromissos face ao mal, mas que se manifesta na delicadeza quotidiana, através da atenção e do cuidado com o outro. O “eu detestável” deve ser erradicado não por ascetismo dolorista, mas para permitir que a exigência ética se manifeste em toda a sua pureza, servindo, sem autocomprazimento, o élan virtuoso do amor.

